

# TORNAR-SE MARIDO OS HOMENS E O CASAMENTO NA ELITE FARROUPILHA (RS, 1835-1845)

CARLA ADRIANA DA SILVA BARBOSA \*

## RESUMO

Devido a sua posição preponderante na cultura sul-rio-grandense na primeira metade do século XIX, a instituição familiar fornece meios de compreendermos as relações sociais, econômicas e políticas da elite farroupilha. Com a ajuda de inventários, correspondências e biografias, procurei entender a constituição e a ação dos maridos na formação do núcleo paterno. Neste contexto condicionado pelo patriarcalismo, pretendo expor como os homens da elite farroupilha deviam corresponder a muitos papéis que lhes eram impostos, a fim de manterem sua honra e de sua família.

**Palavras-chave:** Elite farroupilha, Século XIX, Rio Grande do Sul.

## ABSTRACT

Due to its leading position in the culture of Rio Grande do Sul in the first half of the nineteenth century, the family as an institution provides means of understanding the social, economic and political farroupilha elite. Using the support of inventories, correspondence and biographies, I tried to understand the formation and action of the husbands in the formation of the patriarchal core. In this context conditioning by patriarchy, to expose how the farroupilha elite should match the many roles that they were imposed in order to maintain its personal and familiar honor.

**Keywords:** Farroupilha elite, XIX century, Rio Grande do Sul.

---

\* Aluna do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS/Bolsista CAPES Doutorado em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Brasil

No decurso dos anos de 1835-1845, o Império brasileiro lutou contra o movimento reivindicatório mais longo de sua história: a Guerra dos Farrapos. Uma guerra podia ser um momento difícil na vida das pessoas que a enfrentavam. Mesmo que não estivessem diretamente em postos de combate e sim a vivendo através de quem participava das batalhas sua vida poderia ser afetada por ela. A Guerra dos Farrapos influenciou a vida econômica, política e social de muitas famílias e foi por elas influenciada. O período em que foram travados combates foi também em que as famílias e os papéis familiares foram postos a prova, em que havia necessidade de ajuda para o enfrentamento da situação. A revolução farrapa e a documentação produzida sobre ela nos deram a chance de conhecer mais sobre a vida intrafamiliar da elite farroupilha e suas trajetórias.

Controle, influência e poder eram partes das expectativas que a sociedade sul-rio-grandense do século XIX desenvolveu a respeito dos homens que pertenciam ao grupo da elite e isso não foi diferente à elite farroupilha. O status de uma pessoa dizia respeito à posição que ela ocupava em alguma dimensão ou conjunto de dimensões sociais. As pessoas eram definidas socialmente e em momentos distintos e considerados relevantes. Os recursos por elas possuídos poderiam exercer, de forma mais eficaz, o controle sobre alguém, tanto de forma física, como pela posse de bens materiais e/ou conhecimentos; além de outras habilidades específicas. Quanto mais recursos uma pessoa tinha, maiores as chances de sucesso no seu exercício de poder.

Dessa forma, mesmo sabendo que a família e seu poder não se restringiam a estreitos laços de consangüinidade ou parentescos afins ou políticos, temos consciência de que seus limites dependiam muito das relações estabelecidas de forma intrafamiliar. Deveria haver respeito e concordância com as hierarquias e posições internas familiares, mas nem por isso deixavam de existir conflitos e tensões, que deviam ser tratados para que as famílias e suas estruturas fossem preservadas. Assim, ela pode ser vista com um conceito mais dinâmico. Seus membros tinham participação ativa e possuíam certos poderes de escolha, além de fazerem parte de uma intrincada rede de significações

sociais, como ser mulher e ser homem.

O casamento era um dos elementos centrais da economia dos bens simbólicos, sendo a família a principal protetora do capital simbólico, apoiada pela Igreja e pelo direito. O casamento era o ato fundador da família, formando um laço jurídico e selando um compromisso consentido por dois grupos que do mesmo modo tornavam manifestas as suas recíprocas obrigações, uma aliança que se concluía ou reforçava, desempenhando assim, um papel essencial. Os casamentos se davam na mesma esfera social dos cônjuges e esperava-se destes indivíduos a função de mantenedor e responsável pelo conforto da família.

A escolha do cônjuge era feita de forma “sócio-endogâmica”, onde o amor conjugal parecia assentar-se, sobretudo numa espécie de companheirismo entre os cônjuges, o que não excluía sentimentos de ternura. O amor era o que se poderia considerar um “amor fati”, amor do destino social (BOURDIEU, 1999: 32). Este amor era realizado entre iguais, entre pessoas que compartilhavam de uma mesma posição social e pertenciam a um determinado grupo dentro da sociedade. Em outras palavras, o amor “acontecia” no interior do grupo local.

Este amor poderia ser caracterizado por uma grande relação de confiança, de parceria e de reciprocidade. Estes elementos foram encontrados na análise das correspondências entre os casais da elite farroupilha. Estes casais, que formavam uma “entidade”, não eram apenas marido e mulher, eram um casal de confidentes e amigos que demonstravam nas cartas uma grande ligação entre si e uma preocupação com o estado de saúde de ambos e seus familiares, colocando a família como centro de preocupações e responsabilidades por parte dos que se encontravam na guerra. Havia também a preocupação com o bem estar e o desejo do casal para que acabasse a guerra a fim destes viverem juntos novamente. Em parte, este tipo de comportamento era esperado nas cartas, mesmo quando a pessoa que as escrevia não os sentisse plenamente. Uma certa exacerbação em demonstrar cuidados e preocupações fazia parte do “ideal matrimonial”. Mas isso não comprometia a veracidade dos sentimentos, mesmo que sua real intensidade fosse mais tênue.

As correspondências podiam se apresentar também como uma prova de que quem as escrevia estava disposto a dedicar seu tempo, em meio à guerra, para dirigir-se a quem estavam destinadas. E, mesmo que esperadas, podiam expor emoções profundas, ainda mais entre os já casados, servindo mais uma vez como uma reafirmação do pacto marital. Concluímos isso a partir dos termos encontrados nas cartas enviadas de Domingos José de Almeida à sua Bernardina em que ele utiliza expressões como “do sempre teu”, “teu amante velho que muito te estima”, “teu velho do coração”, “teu marido do coração”, “teu marido que muito te ama”, ao finalizar suas cartas (AAHRS – Coleção Varela). O mesmo acontecia com as correspondências enviadas por Antônio Vicente da Fontoura à sua esposa Clarinda, onde ele utiliza o termo “teu amante esposo” (Diário de Antônio Vicente da Fontoura).

O “amor fati”, mesmo sendo prevalecente aos casais da elite farroupilha, não impedia o sentimento da paixão. Em carta de Bento Gonçalves ao seu filho Joaquim sobre o pedido de casamento que esse último havia feito, é possível verificar que, algumas vezes, era possível dar vazão ao sentimento da paixão:

Querido Filho  
Candiota, 27 de julho de 1843.

Há muito que no município do Alegrete recebi vossa carta anunciando-me a vinda do compadre Azambuja a ver-se comigo acerca do vosso consórcio, do qual me fizestes uma exposição pela qual parecia-vos haver embaraços da parte de meu compadre. Este finalmente viu-se comigo há poucos dias vindo de regresso de Salvanhaque onde se viu com seu sogro, pai de vossa futura consorte, de quem sem o menor obstáculo obteve o consentimento para efetuar-se seu consórcio, com quem ficam desvanecidas a toda evidência vossas suspeitas acerca do embaraço que injustamente supúnheis da parte de meu compadre. Isento como estou, meu filho, dessa paixão amorosa que vos cegou ao ponto de supordes que meu compadre punha traves a esse negócio só porque o não queria efetuar sem o consentimento de seu sogro, quem lhe confiou sua filha, cunhada e sobrinha, devo dizer-vos que ele obrou como eu obraria, como obraria todo homem de bem e como vós mesmo obraríeis no lugar.

Finalmente tudo está dissipado e podeis executar vosso consórcio com prima Josefina na melhor harmonia com meu compadre e amigo, congratulando-vos com ele (...). (Coletânea de documentos de Bento Gonçalves da Silva, 1985:227)

Como pudemos notar e, nas palavras do próprio Bento Gonçalves da Silva nesta correspondência, o casamento era considerado um negócio que visava alianças e a produção e reprodução do patrimônio simbólico e material das famílias farroupilhas. Para isso contava-se com a consolidação de alianças fora e dentro da família. As alianças dentro da família aconteciam, segundo Farinatti, em sua análise das famílias da elite agrária sul-rio-grandense, em virtude de:

(...) diminuir os efeitos da dispersão dos patrimônios. Além disso, ajudavam a renovar e consolidar a união de grupos familiares ao longo do tempo, tornando possível a existência de redes de parentesco extremamente solidárias e de grande importância nas múltiplas relações da vida social (FARINATTI, 2007: 227).

Mesmo, como no caso acima, considerando, até mesmo a união entre parentes, o casamento deveria ser efetuado com toda diligência e atenção. Entre estes cuidados estava a observação do comportamento dos futuros cônjuges. Exemplo disso é a advertência que Bento Gonçalves faz a seu filho Joaquim. Ele diz a Joaquim que esse está cego de paixão e não deixa até mesmo de repreendê-lo por isso. E quais seriam os “sintomas” para que Bento afirmasse tal coisa? Bem, segundo Giddens, o amor apaixonado é marcado por uma urgência que coloca à parte as rotinas da vida cotidiana, com a qual, na verdade, ele tende a se conflitar, até mesmo ignorando suas obrigações habituais (GIDDENS, 1993: 48). O casamento só foi realizado em 1857, quando já havia terminado a guerra farroupilha. A paixão e a guerra poderiam ser uma mistura explosiva. Os sintomas da paixão poderiam ser perigosos a um jovem guerreiro. Imaginem um apaixonado desatento em meio aos combates? Mas a paixão também poderia inspirar-lhe. Em carta à sua esposa Bernardina, o não tão jovem guerreiro Domingos José de Almeida escreve:

*“(...) Persisto ainda no projeto de ir para o Rio até que, destruídas estas impressões a meu respeito, possa voltar a teus braços; Isto é um sacrifício que faço por amor de ti mesma” (AAHRS, CV-178/ Vol.2: 143-144).*

Da mesma forma, Antônio Vicente da Fontoura escreveu à sua esposa Clarinda: *“Ah! conserva pois a tua existência, para seres o único prêmio que ambiciono pelos serviços e sacrifícios que tenho feito a uma pátria ingrata”* (Diário de Antônio Vicente da Fontoura, 1984: 43-44). Estes trechos, muitas vezes, nos remetem a uma idéia da cavalaria e seu amor cortês: os “sacrifícios” pela amada, o morrer ou viver por ela, o atendimento ao seu chamado, a permissão para sua partida (AAHRS, CV- 176 /Vol.2: 141-142).

Foi no fim do século XI que trovadores admitiram novas relações entre mulheres e homens e, segundo del Priore:

Nessa época, a aventura do amor cortês erigiu como tema a exaltação carnal e espiritual nas relações amorosas entre homens e mulheres. Exaltação mais idealizada do que prática, mais descrita do que vivenciada. Emprestada de sociedades vizinhas, notadamente a árabe, tal aventura fervilha de imagens sobre a submissão do amante à sua dama, valorizando, ao mesmo tempo, qualidades viris, como a coragem, a lealdade e a generosidade, encarnadas no cavaleiro (PRIORE, 2005:70).

Mas, o “amor de longe”, essência do amor cortês, não era o ideal de união dessas pessoas, pois a ligação carnal era fundamental para a construção de uma família. Assim, mesmo com as correspondências, sempre que podiam, eles procuravam um meio de ir ao encontro de suas mulheres ou trazê-las para si (com a certeza de que elas não correriam perigo). Antônio Vicente da Fontoura fez referência a um amigo seu que queria ver a esposa em uma carta a sua mulher Clarinda. Ele lhe diz o seguinte:

Atualmente estou apartado de todos os parentes e amigos, porque saíram em destinos diferentes. (...) O Zeferino também foi, com esperanças de ver a mulher; e quanto mais estimo a este de tarde, por ver a amizade que ele consagra à sua mulher (Diário de Antônio Vicente da Fontoura, 1984: 22).

Ele também desejava ter sua esposa por perto e assim lhe escreveu:

Informou-me um amigo que, nos subúrbios desta capela, existem muitos terrenos devolutos e mui próprios para chácaras; eu já o incumbi de tirar-me umas confrontações, e conforme a marcha de nossos negócios políticos, se não derem esperança de uma pronta conclusão, vou mandar fazer uma casinha e mando-te conduzir para aqui; pois é ponto onde forçosamente temos de transitar (Diário de Antônio Vicente da Fontoura, 1984: 40).

Antônio Vicente da Fontoura ainda finalizou uma carta à sua esposa do seguinte modo: *“E não chegará inda o momento de nos reunirmos! Sim, ele vai aproximando e em breve te apertarei em meus braços”* (Diário de Antônio Vicente da Fontoura, 1984: 61). Em trechos de uma carta de Domingos de Almeida a sua esposa Bernardina também se encontra o seguinte:

O tempo que tu perdeste em me consultar para me vires visitar é lamentável, pois devias estar bem persuadida que eu havia ficar inchado como um sapo se aqui te visse de repente: venhas, que me acharás com os braços abertos para receber-te. (...) Já estou velho e sem jeito para namorar; preciso portanto a minha costela ao lado a ver se ainda arranjo dez filhos mais (AAHRS, CV- 445/Vol.2: 347).

Ainda que os homens estivessem, na maior parte do tempo, longe de suas esposas devido à guerra (e não somente a farrroupilha, como no caso de Bento Gonçalves que lutou em outras guerras), tiveram um número significativo de filhos com estas. Os encontros entre “os intervalos” dos combates renderam ao casal Domingos e Bernardina mais seis filhos no período da guerra, enquanto Antônio Vicente da Fontoura e Clarinda tiveram cinco filhos ao longo da revolta. Bento Gonçalves não teve filhos neste período, mas seu genro Ignácio José de Oliveira Guimarães e seu filho Bento tiveram (FABRÍCIO, 1986:25). Não devemos esquecer que tanto como a reafirmação do “pacto marital”, o relacionamento sexual era importante dentro do casamento. A satisfação sexual é um forte componente do sistema de casamento monogâmico e o casamento poderia ser anulado se

fosse provado não existir consumação. A fim de evitar frustrações futuras ou adultério, era essencial aos parceiros que fossem não apenas atraentes mental, moral e espiritualmente, mas também fisicamente (MACFARLANE,1990:310). E, conforme Denis de Rougemont:

Aos olhos da Igreja, o adultério era ao mesmo tempo um sacrilégio, um crime contra a ordem natural e um crime contra a ordem social. Pois o casamento unia ao mesmo tempo duas almas fiéis, dois corpos aptos a procriar e duas pessoas jurídicas. Prestava-se e santificar os interesses fundamentais da espécie e os interesses da cidade. Aquele que infringia esse compromisso tripla não era considerado “interessante”, e sim miserável e desprezível (ROUGEMONT, 2003:369).

Porém, o poder social do marido predominava sobre a esposa, fazendo com que houvesse maior condescendência no julgamento com os homens. Contudo, os indivíduos deveriam deixar esta “quebra de padrão” à margem da vida social oficial. Como nos lembra Elias, as quebras de padrão deveriam ser rigorosamente confinadas atrás da cena, banidas para o reino do segredo (ELIAS, 1994:185).

Mas ainda que houvesse condescendência, o ideal do marido fiel não deixava de existir. Isso nos é referido por Domingos José de Almeida em um trecho de mais uma carta enviada a sua esposa Bernardina:

(...) e as moças a me não deixarem com quebrantos; coitadas que perdem o seu tempo, porque não faço caso delas e por conseguinte todas dizem que não há moça mais afortunada que tu, que sou o exemplo dos casados, e faço com isso que o estado seja apetecido. E que tal? Vê lá quanto vale o meu comportamento e quanto és feliz possuindo um marido moço, bonito, bem feito e fiel. Onde se acha tanta coisa junta? Com efeito neste século é fenômeno, é maravilha. (AAHRS, CV-183/Vol.2: 156-157).

Domingos não se cansava de querer se mostrar à esposa uma ótima escolha como marido. Ao relatar-lhe que, por conta dela não poder ser uma testemunha presente no casamento de um amigo, e que, por isso, teria que mandar uma procuração

para que servisse em seu lugar outra mulher, ele acrescentou o seguinte trecho:

(...) para em teu lugar servir D.Maria Barbosa, a mulher do Barbosa, se bem que eu queria que fosse alguma moça mais bonita, mas não sei o nome delas; e assim mesmo tu tens que dizer do exemplo dos maridos bonitos e honrados, de quem todas as casadas têm inveja e apontam a seus maridos como modelo, etc., etc. Tu nasceste empelicada e na maré cheia (AAHRS, CV-438/Vol.2: 340-341)

Esses casais da elite farroupilha viveram intensamente a guerra e suas moléstias, viram alguns de seus filhos, familiares e amigos convalescerem e morrerem em meio às batalhas, e, certamente, encontraram no apoio mútuo a força para continuar a sobreviver. As doenças e a morte eram constantes na vida e preocupação dessas pessoas. As doenças causadas ou disseminadas pela guerra eram tratadas, principalmente, por práticos ou “entendidos”, já que o número de médicos habilitados na região era escasso. Da mesma forma, o conhecimento médico era recente se comparado a outros saberes curativos e ainda mantinha suas concepções científicas de cura e doença baseadas em elementos sobrenaturais (WITTER, 1999: 59-65). As correspondências quase sempre traziam notícias a respeito da boa saúde ou de moléstias e era uma inquietação não ter informações sobre a saúde de quem estava longe. O sofredor não era apenas o doente, mas também todos aqueles que a ele se ligavam (WITTER, 2007: 09).

Desta forma, não era apenas preocupação destes homens manterem-se saudáveis e vivos e, do mesmo modo, poderem retornar às suas esposas, a saúde delas era fundamental para a tranqüilidade de seus maridos. Antônio Vicente da Fontoura parecia sofrer junto com sua esposa Clarinda as moléstias dela. E, certamente, externar suas preocupações era uma forma de se mostrar um bom e dedicado marido. Em carta à sua esposa encontramos o seguinte: “*Clarinda, eu nem sei o que escrevo; pois a terrível certeza da tua moléstia e a cruel incerteza do teu melhoramento dão ao meu coração o mais terrível contraste de angústia*”. Em outros trechos, de duas diferentes cartas escritas por Antônio Vicente à

sua mulher, temos os seguintes relatos: *“Estou tão satisfeito pelas tuas melhoras e notícias de todos... Ah! quanto é doce saber-se do que se ama!”*. E ainda: *“Deus, nosso amor e a honra são irrefragáveis testemunhas do que digo e do que tem sofrido minh’alma!”* (Diário de Antônio Vicente da Fontoura, 1984: 23, 110 e 62).

Algumas epidemias como febre amarela, cólera e varíola atravessaram o século XIX, tendo como principais grupos de propagadores as tropas, os marinheiros, os comerciantes e os peregrinos. Estas epidemias eram caracterizadas por serem moléstias que atingiam um número elevado de vítimas em curto espaço de tempo e que tinham a tendência a desaparecer em seguida (WITTER, 2007:40-45). Mas os sofrimentos não advinham apenas das moléstias. A morte também trazia dor.

Numa tentativa de consolar sua esposa Domingos lhe diz: *“Eu, estimo, como sabes, a todos os teus manos: porém duvido que me custem tantos dissabores quantos tenho sofrido com a morte de Bernardino”* (AAHRS, CV-241/Vol.2:207). Antônio Vicente da Fontoura também relata a sua mulher os sofrimentos que a morte pode trazer. Em uma carta à sua esposa Clarinda, ele havia comentado a admiração que sentia pelo amigo Zeferino e a amizade que este devotava a sua esposa. Mais tarde, as notícias recebidas por Clarinda foram as seguintes:

Eu, os compadres Delfino e Frutuoso, o Rodrigues e as comadres pouco há que soubemos que o Zeferino está viúvo. Ele está aqui também e inda não sabe! Conversa com alegria e fala inda a miúdo na sua velha. Coitado! Não sei se trazê-lo enganado é compaixão! Parece-me mais uma espécie de perfídia. Contudo eu não me atrevo a dizer-lhe nada (Diário de Antônio Vicente da Fontoura, 1984:106).

Em outra carta à esposa, lhe escreveu sobre os sofrimentos de outro companheiro de guerra:

Que lástima, minha Clarinda, tive hoje do pobre Macedo! Casualmente, à tarde, quando passeava a pé, vendo alguns conhecidos, toquei na sua barraca; ele estava jogando por divertir, quando se lhe veio entregar uma carta... O fecho era de obreia negra, e o infeliz não sei que sinistro pressentimento o assustou que, atirando as cartas de jogar, abre com velocidade a que acabava de receber... Era do Pedroso, dando-lhe

notícias da morte da sua mulher. Que golpe que recebeu este pobre homem, tão repentino! Eu bem sei que nem todos sabem ser bons maridos, porém a Matilde ainda era moça e, parecendo sadia, ele não cessa de acusar o maldito Alegrete, cuja insalubridade de ar foi seguramente a causa da orfandade de seus filhos (Diário de Antônio Vicente da Fontoura, 1984: 100)

As pessoas que habitavam a Província do Rio Grande de São Pedro estiveram envolvidas em muitas guerras ao longo do século XIX e, por conta dos combates e de todas as moléstias que envolviam uma guerra, perderam muitos de seus entes queridos. Assim, seguramente, a morte não era uma novidade em suas vidas. Segundo Reis, *“o temor da morte não era maior do que morrer sem estar preparado”* (REIS, 1999:95). Desta maneira, a prevenção do futuro dos seus, estava relacionada em oferecer a segurança material possível, por meio dos bens destinados àqueles que ocupavam papéis importantes na vida dessas pessoas (FLORES, 2006:49-50). Poderia até ser prejudicial para o destino da alma do falecido não deixar os seus negócios, tanto os terrenos quanto os sagrados, resolvidos ainda em vida (REIS, 1997; 104). Estes relatos apresentados nas cartas nos mostram a impotência dos homens perante a morte e uma certa falha em proteger suas esposas, já que oferecer proteção era uma das virtudes de um bom marido. A intenção de proteger os bens materiais e simbólicos que compartilhava com sua mulher era o que, segundo eles, os levava à guerra. E eles sempre faziam questão de lembrá-las disso.

Os homens da elite farroupilha, em suas correspondências, queriam mostrar o quanto o auto-sacrifício, a coragem e a determinação faziam parte de seu caráter e, para isso, costumavam informar suas esposas sobre os percalços da guerra, até mesmo sobre os combates, os feridos, os mortos, as próximas ações no campo de guerra e no campo político. Domingos assim escreveu a Bernardina:

Estando a Assembléia e toda esta cidade à espera de Araújo Ribeiro para tomar posse e ver se assim evapora-se a tempestade que ele e mais caterva daí, de Rio Grande e do Norte haviam conjurado contra esta bela Província, chega pelo correio a notícia de que longe de vir

Araújo, dava ele todas as providências para atizar a mais feroz anarquia, sacudindo o brandão da guerra civil (AAHRS, CV-189/Vol.2:160-162).

Com efeito, Vicente da Fontoura escreveu a Clarinda:

Ontem chegou o coronel Daniel, do Estado Oriental, trazendo-nos munições de guerra, etc, etc. Continuamos nos preparativos de uma ação decisiva, cujo dia tanto desejamos, para assim ver terminada uma tão longa luta (Diário de Antônio Vicente da Fontoura, 1984:46).

Sem dúvida, para esses homens falar sobre a guerra e, principalmente, sobre as dificuldades por que passavam no seu cotidiano era uma forma de mostrarem o quanto estavam sendo corajosos e valorosos. Em carta do dia 4 de janeiro de 1844, Antônio Vicente da Fontoura relata à esposa: *“Hoje não serei muito extenso porque estou muito cansado, pois desde ontem ainda não dormi, em consequência de termos feito uma contramarcha, pelo que foi necessário caminhar até amanhecer”* (Diário de Antônio Vicente da Fontoura, 1984:24).

Em outra correspondência do dia 13 de janeiro de 1844, à mesma sua mulher, ele diz:

Vamos chegando aos lugares de ruins águas e tu sabes quanto me custa fazer uso de uma ruim água, não só pelo péssimo gosto, como mesmo pelo nocivo que é à saúde, e desde aqui até passarmos o Ponche Verde, que todas são muito salobras ou ruins por serem de banhado (Diário de Antônio Vicente da Fontoura, 1984:27).

Isso não deixava de ser uma reafirmação das qualidades pessoais que se somavam à formação da honra. Temos que entender que a virilidade física ou moral era indissociável da honra a qual essa elite farroupilha cultuava. Ao mesmo tempo, ela produzia também um importante culto à masculinidade, sendo a coragem, a força, o respeito, a reputação e o prestígio suas mais importantes qualidades. A virilidade, aqui, pode ser entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão para o combate e para o exercício da violência. Além disso, ela tinha que ser validada pelos outros homens e certificada pelo reconhecimento de pertença ao grupo

dos homens.

Como marido, cabia também a qualidade de protetor. Era seu papel sustentar sua esposa e protegê-la. Porém, não somente de forma física, este papel deveria se estender também à capacidade na administração dos bens e também no seu desenvolvimento. Mas a guerra trouxe algumas dificuldades ao “cumprimento desse dever”. Em uma de suas correspondências à mulher, Vicente da Fontoura menciona a Clarinda: *“Temos visto, minha Clarinda, desaparecer a fortuna de que éramos senhores antes da revolução”* (Diário de Antônio Vicente da Fontoura, 1984: 29).

Domingos de Almeida, da mesma forma, expõe sua preocupação com os bens do casal:

Também a ti não é desconhecido, que aí nossa fortuna jamais pode avançar um pequeno passo, pelo desvio que dão até aos gados que me querem dar de costeiro. Em tais circunstâncias o estado atual das coisas, nossos negócios, teu sossego e outras muitas considerações prudentemente aconselham que devemos sem hesitação largar, ao menos por alguns anos, esse lugar (AAHRS, CV-189/Vol.2:160-162).

No período da guerra dos Farrapos, Domingos ainda estava se recuperando das atribulações especulativas geradas na Guerra Cisplatina (1825-1828) e, certamente, um dos motivos que o levou a juntar-se ao conflito contra o Império foi a taxaço que vinha sofrendo sobre o charque e o couro que produzia em suas charqueadas (LEITMAN, 1979:135). Domingos se mostrou temeroso, em muitas outras cartas, à sua companheira Bernardina, tomando-a, algumas vezes, como consultora para compras de bens e contando com sua ajuda na administração das propriedades do casal.

Quanto ao general Bento Gonçalves da Silva, que costumava dizer que talvez fosse o homem mais pobre do Rio Grande do Sul, finda a guerra, recebeu fundos e pagamentos pelas dívidas da guerra republicana de uma conta secreta imperial (LEITMAN, 1979:157). Além disso, depois de 1845, recebeu aposentadoria militar e quando da sua morte, em 1847, a estância do Christal, sua propriedade, tinha 53 escravos e valia 57 contos (LEITMAN, 1979:157), sem contar ainda suas extensões de terra na Banda

Oriental (LEITMAN, 1979:157). Infelizmente, não encontramos nenhuma carta de Bento Gonçalves à sua esposa Caetana, onde este poderia também reclamar das mazelas da guerra (LEITMAN, 1979:157) assim como Domingos de Almeida e Vicente da Fontoura, que, como vimos acima, trataram muito disso com suas esposas-confidentes.

A parceria entre Domingos José de Almeida e sua esposa Bernardina Barcellos de Almeida durou até a morte de Bernardina em 1846 (NEVES, 1987:28). O mesmo aconteceu com Antônio Vicente da Fontoura, que se manteve junto à sua esposa Clarinda Porto da Fontoura até 20 de outubro de 1860, quando morreu devido aos ferimentos graves recebidos em um atentado político em Cachoeira (Diário de Antônio Vicente da Fontoura, 1984:153).

Domingos José de Almeida e Antônio Vicente da Fontoura tinham mais uma coisa em comum, além de sua dedicação às esposas: uma forte ligação com as famílias destas. A relação que Domingos possuía com os Barcellos e, da mesma forma, Vicente da Fontoura com os Porto, pode ser identificada com uma espécie de hipergamia masculina. Esses dois homens se associaram a duas mulheres que pertenciam a famílias com um nível social mais elevado do que as suas. Lembremos que Antônio Vicente da Fontoura era filho de um agrimensor (ANTUNES, 1935:10) e, segundo suas próprias palavras:

Meus Pais, suposto que da antiga família dos C. (ANTUNES, 1935:15), eram pobres e, por isso, não podendo destinar-me as letras, para o que tinha decidida vocação, me puseram em uma das melhores casas de comércio da vila, para que aprendesse esse tráfico. Razões insignificantes ocasionaram minha mudança para a vila de Cachoeira, onde segui o emprego de caixeiro por dois anos (ROSA, 1935:147).

Em fins do ano de 1929, foi que ele conseguiu estabelecer sua casa de negócios em Cachoeira e se casou com Clarinda Francisca Porto (ROSA, 1935:147-148.). Clarinda era filha do tenente José Gomes Porto, renomado oficial de Cachoeira (ANTUNES, 1935:16-17) e irmã do brigadeiro José Gomes Portinho (ROSA, 1935:148).

Quanto a Domingos José de Almeida, que nasceu fora da Província do Rio Grande, também dedicou suas primeiras atividades profissionais ao comércio, vindo ao Rio Grande para organizar tropas de mulas que conduziria a São Paulo e outras regiões, mas acabou por fixar-se em Pelotas com uma casa comercial e mais tarde fundou uma charqueada à margem do Arroio Pelotas. Em 1824, ligou-se pelo casamento com Bernardina Barcellos de Lima, originária de uma família de charqueadores (ROSA, 1935:105). Esses dois homens demonstraram em cartas enviadas as suas esposas o quanto tomaram a família dessas para si e, até mesmo, que conviviam mais com essa parte da parentela. Eles pouco falam de seus próprios familiares com suas mulheres, mas tratam dos parentes delas e com preocupação genuína:

O assunto desta carta, minha Clarinda vai ser dedicado ao nosso pai e compadre velho Porto (José Gomes Porto). Quero que digas a ele que não repare em não lhe escrever, dando-lhe notícias certas e bem circunstanciadas dos combates, das operações e dos sucessos da presente guerra, o que muito de propósito tenho deixado de fazer, não por falta de desejos de instruí-lo de tudo, mas sim porque conheço o seu gênio sincero e franco e que uma leve indiscrição de transmitir a outrem as notícias que eu lhe desse, o podia de novo comprometer, dando-me demais o dissabor de ser eu o causante; eu que todos os dias faço votos ao céu para que jamais ele se envolva em questões políticas (Diário de Antônio Vicente da Fontoura, 1984:71).

Às vezes, chegavam a tomar o pai e irmãos da esposa por seus, o que podemos também identificar como alguma preferência fraterna (AAHRS, CV-241/Vol.2:207): *“Aqui viemos pernoitar, tendo saído hoje de Bagé, e o vigário Chagas. Nosso irmão Portinho inda ali ficou”* (Diário de Antônio Vicente da Fontoura, 1984:118). Esses sogros e cunhados, muitas vezes, poderiam assumir a figura paterna e ajudar a tomar conta dos netos ou sobrinhos, substituindo o pai falecido.

Desta maneira, era necessário aos maridos das famílias da elite farroupilha cumprir certas exigências sociais, como cuidar sua auto-imagem, sua reputação e ser confiável. Disso tudo dependia não apenas sua imagem, mas também de sua família.

Para isso, eles deveriam seguir modelos preexistentes de conduta, formulados por esta mesma elite. Entre os modelos de como se devia proceder estavam as “qualidades pessoais masculinas”: coragem, virilidade e honra.

## FONTES IMPRESSAS

ANAIS DO ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL, (AAHRS – Coleção Varela), 17 volumes. Porto Alegre: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

DIÁRIO DE ANTÔNIO VICENTE DA FONTOURA. Porto Alegre: Sulina/Martins, Caxias do Sul: EDUCS, 1984.

COLETÂNEA DE DOCUMENTOS DE BENTO GONÇALVES DA SILVA – 1835/1845. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, Subcomissão de Publicações e Concursos, 1985.

## FONTES DOCUMENTAIS

ORDENAÇÕES FILIPINAS. Livro 04, Tit. 80-107. Disponível em <http://www.uc.pt/ihti/proj/filipinas/ordenacoes.htm>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Tradução Miguel Serras Pereira. Oeiras: Celta, 1999.

ELIAS, Norbert. *O processo Civilizador: Uma História dos costumes*. Vol.1. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FABRÍCIO, José de Araújo. *A descendência de Bento Gonçalves da Silva*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1986.

FARINATTI, Luís Augusto Ebling. *Confins Meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na Fronteira Sul do Brasil (1825-1865)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. PPG – História Social, 2007 (Tese de Doutorado).

FLORES, Ana Paula M. *Descanse em paz: Testamentos e cemitério extramuros na Santa Maria de 1850 a 1900*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006 (Dissertação de Mestrado).

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

LEITMAN, Spencer. *Raízes sócio-econômicas da Guerra dos Farrapos*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

MACFARLANE, Alan. *História do Casamento e do Amor*. Inglaterra, 1300-1840. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Priore, Mary del. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.

NEVES, Ilka. *Domingos José de Almeida e sua descendência*. Porto Alegre: EDIGAL, 1987.

REIS, João José. *A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. REIS, João José. O Cotidiano da Morte no Brasil Oitocentista. In: Alencastro, Luis F. *História da vida Privada no Brasil*. Vol.2, 1997.

ROSA, Othelo. *Vultos da Epopéia Farroupilha*. Porto Alegre: Globo, 1935.

ROUGEMONT, Denis de. *História do Amor no Ocidente* Tradução Paulo Brandi e Ethel Brandi. 2 ed. São Paulo: Ediouro, 2003. Reform.

WITTER, Nikelen Acosta. *Dizem que foi feitiço: as práticas de cura no Sul do Brasil (1845-1880)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

\_\_\_\_\_. *Males e epidemias: sofredores, governantes e curadores no sul do Brasil (Rio Grande do Sul, século XIX)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2007 (Tese de Doutorado).